

EMANCIPAÇÃO LITERÁRIA: O VALOR DA LITERATURA DE MASSA E SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DE LEITORES

Bruna Camargo da Silva¹; Rosilene Frederico Rocha Bombini²

¹Centro de Ciências Humanas / Universidade do Sagrado Coração (USC) – Bauru/SP Grupo de Pesquisa Ensino de Língua e Literatura, brunacamsilva@gmail.com; ²Centro de Ciências Humanas / Universidade do Sagrado Coração(USC) – Bauru/SP Grupo de Pesquisa Ensino de Língua e Literatura, rocha.rosilene@gmail.com

RESUMO

Este trabalho visa discutir o valor da literatura de massa e seu papel na formação de leitores. A literatura é intrínseca ao homem e importante na sua humanização, portanto, constitui-se um direito dele. Contrapondo-se à ideia que se costuma ter sobre os jovens, estes não apenas leem, como são os que mais o fazem entre qualquer faixa etária. Porém, há resistência deles em relação à literatura canônica apresentada pela escola, o que vai de encontro com receptividade dos mesmos para com a literatura de massa, desvalorizada nos meios acadêmicos e comumente rejeitada pela instituição. Sabe-se, entretanto, que não existe um consenso na definição de literatura, pois os critérios utilizados para tal estão sujeitos aos contextos históricos e antropológicos. Aqueles que legitimam a “Grande Literatura” são os que possuem poder dentro da sociedade para tal, o que faz dela a literatura de uma elite, apesar de sua inegável contribuição para a sociedade, pois a massa não representa seu modo de ver e sentir. A hierarquização é inevitável, mas cada obra deve ser analisada dentro daquilo a que ela se propõe. A escola, como espaço sociocultural, deve estar aberta às diferentes visões de mundo e ao desqualificar literatura de massa como literatura, ela silencia parte destas visões. No processo de formação de leitores, cabe à escola não a encarar como uma ameaça, mas utilizá-la como aliada nesse processo, conduzindo-os a uma leitura literária diversificada.

Palavras-chave: Literatura. Literatura de massa. Formação de leitores. Educação.

1. INTRODUÇÃO

É recente a ideia de que a leitura é um direito de todos. Durante muito tempo ela foi pertencente a uma parcela ínfima da sociedade - clero, nobres, homens, brancos. Atualmente, em tempos em que o acesso à leitura nunca foi tão democrático, parece contraditório quando uma pesquisa como a Retratos da Leitura no Brasil (FAILLA, 2016), uma das principais referências em relação ao hábito de leitura dos brasileiros, aponta que apenas 56% deles o possuem. Quando falamos da leitura de textos literários, esse número é ainda mais diluído.

Outro índice apontado pela pesquisa em questão é que, contrapondo-se às ideias que se costuma ter sobre eles, os jovens não apenas leem, como são os que mais leem entre qualquer faixa etária: 84% dos que possuem entre 11 a 13 anos e 75% dos que possuem 14 a 17 anos declararam-se leitores. Precipitadamente, pode-se concluir que esses jovens leem porque a faixa etária coincide com a idade escolar, contudo a maioria deles afirmou ler por “gosto” e “distração”. Os números animadores podem tanto sugerir uma possível melhora do índice

nacional no futuro, quanto um indício de que o hábito de leitura é perdido à medida que a pessoa se afasta do âmbito escolar. Para ambas as hipóteses, é importante o investimento na formação de leitores, de forma a darem continuidade a esse hábito por toda a vida. Não é incomum, entretanto, que a leitura literária na escola seja feita a contragosto: a mesma pesquisa revela que 65% dos brasileiros não leem os livros de literatura por ela indicados.

Resolver esse problema implica entender que a questão não é se os jovens leem ou não, mas o que eles leem. Nesse sentido, entra em cena a literatura de massa, que atrai até milhões do público jovem, mas que é desvalorizada nos meios acadêmicos, tomada como inferior, lida por pessoas “semicultas”, em muitos casos, nem é considerada como literatura. Se existe resistência dos jovens em relação às leituras aclamadas no meio acadêmico, mas uma receptividade maior à literatura de massa, o problema reside nas escolhas dos jovens ou na maneira como a escola apresenta a literatura? A literatura de massa é inferior, devendo ser afastada dos currículos escolares? Assim, o objetivo deste artigo é apontar o valor da literatura de massa e seu papel na formação de leitores em idade escolar.

Tendo em vista que literatura de massa, de entretenimento, best-seller são termos que em geral costumam designar o mesmo tipo de livro, mas nem sempre são entendidos da mesma forma, faz-se necessário dizer que neste trabalho, a literatura de massa será entendida pela definição de Sodré (1978, p.15-16):

A expressão literatura de massa designará a totalidade do discurso romanescos tradicionalmente considerado como diferente e opositivo ao discurso literário culto, consagrado pela instituição escolar e suas expansões acadêmicas. Incluem-se, assim, no universo da literatura de massa, o romance policial, de ficção científica, de aventuras, sentimental, de terror, a história em quadrinhos, o teledrama, etc.

Apesar das exceções, como a maior parte do que entendemos como literatura está no campo ficcional, nossas discussões serão assim delimitadas. Essa delimitação é importante, já que há estudiosos que englobam livros como os de autoajuda e religiosos dentro da literatura de massa. Estes podem até ser best-sellers, mas não estaremos fazendo referência a eles.

A escolha do tema justifica-se, em primeiro lugar, pelo fato da literatura de massa comumente ser tratada com muita reserva pelas instituições acadêmicas, e embora existam algumas publicações, há ainda uma carência de estudos brasileiros atuais nessa área, principalmente quando o tema é acrescido ao âmbito educacional e à formação de leitores.

Em segundo lugar, há uma intensificação das publicações de literatura de massa, que na atualidade combinam-se com outras mídias como a TV, o cinema e a internet, que alimentam a sua ascensão. O jovem em idade escolar não está alheio a tudo isso, a literatura de massa está nos lugares que ele frequenta, faz parte da sua realidade e não pode ser simplesmente ignorada pela instituição.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 LEITURA E LITERATURA

É cada vez mais evidente a importância do ato de ler na formação social de um indivíduo, capaz de atuar criticamente por meio dele. Assim, mais do que ensinar a decifrar palavras, cabe à escola fazer com que o ato da leitura realmente aconteça, quando “o leitor toma posse da matéria lida e posiciona-se diante dela.” (AGUIAR, 2007, p.27). É importante ressaltar, que a leitura do texto está atrelada à leitura daquilo que nos cerca, do nosso

contexto, o que todo indivíduo letrado ou não faz, a qual Paulo Freire (1989) chama de “leitura do mundo”. A leitura da palavra, portanto, traz consigo as leituras que temos de nós mesmos e que são exercitadas desde o momento em que nascemos. Aprendemos a dar sentido aos textos que lemos a partir do sentido que damos ao mundo.

Dentro da diversidade de textos com os quais a escola precisa lidar, o texto literário se configura como um tipo que merece destaque. Segundo Cândido (2004), a literatura possui um papel humanizador. Ele a encara, inclusive, como um direito do ser humano, junto àqueles que garantem a integridade espiritual, pois haveria uma necessidade intrínseca ao homem de ficção e fantasia. De fato, a ficção é tão antiga quanto a existência do próprio homem e os primeiros registros seriam narrativas em pintura rupestre (FABRINO, 2014). O homem encontrou maneiras de manifestar seus relatos, questionamentos, apresentar respostas, que se traduziram em narrativas, não por um acaso, permeadas do maravilhoso.

As histórias que relatavam como surgiu o mundo, como nasceu o primeiro homem e como ele recebeu o castigo da morte ofereciam identidade grupal, assinalavam normas comportamentais, garantiam transcendência e, acima de tudo, davam um sentido à vida. (COSSON, 2014, p.11).

Ao permitir esse processo de identificação, a literatura faz com que vivenciemos outras vidas. Não apenas é uma manifestação natural das leituras do mundo de cada povo, de cada indivíduo, mas o contato com ela nos permite confrontar a nossa própria maneira de lê-lo, o que nos forma quanto ser humano.

Por meio disso, percebe-se a importância de se formar não apenas leitores, mas leitores de textos literários. Porém, se a literatura faz parte daquilo que constitui o ser humano, quando a maioria não lê aquilo que a escola propõe, percebe-se que é um problema que esbarra na mediação. É comum a afirmação de que o jovem não gosta de ler, entretanto, ao fazê-la, a escola minimiza sua responsabilidade como educadora.

O jovem lê e lê literatura de massa, que, por sua vez, é desvalorizada. Mais do que ensinar a apreciar o texto literário, a escola ensina o que pode ser apreciado, pois sua concepção de um bom leitor literário não está na sua capacidade de fruir de textos diversos, mas no tipo de texto que este aprecia. Os jovens não leem o que a escola propõe, esta condena o tipo de leitura que os agrada, mas também não é eficiente em cativá-los por sua literatura.

É necessária a desmistificação que há em torno da literatura de massa. Não existe um consenso universal de literatura. Esta não pode ser entendida apenas como ficção, pois há obras como *Os sertões*, de Euclides da Cunha, e os sermões do Padre Antônio Vieira para dizerem o contrário. Da mesma forma, como justificar a literatura apenas pelo uso trabalhado da linguagem, quando há poemas do Manuel Bandeira, que se aproximam da linguagem infantil, como o “Madrigal tão engraçadinho”, e que fora do contexto parecem de fato terem sido escritos por uma criança? A literatura não pode ser definida em si mesma. Para Culler (1999), ela é uma “etiqueta institucional” e o que leva os leitores, na maioria das vezes, a tratarem uma obra como tal é justamente encontrá-la em um contexto em que é identificada dessa maneira. Eagleton (2006) reforça essa ideia ao dizer que a definição de literatura depende da forma pela qual alguém resolve ler determinada obra e não daquilo que é lido.

Isso porque “A apreciação estética não é universal: ela depende da inserção cultural dos sujeitos. Uma obra é lida, avaliada e investida de significações variadas por diferentes grupos culturais” (ABREU, 2006, p.80). Por mais que se procurem aspectos intrínsecos a uma obra, eles são insuficientes para determinar se esta é literária ou não, porque o resultado vai

partir da ideia do que é literatura tida por aquele que faz a análise. Ainda que esses aspectos tenham relevância, por si só não cabem para essa determinação, mas estão anelados àquilo que se escolhe ter como literatura por diferentes grupos em lugares diferentes.

A obra literária é um objeto social, produzido e consumido nos moldes capitalistas como qualquer outro, que precisa passar por instâncias de legitimação que atestem sua “validade” como literatura (LAJOLO, 1990). Aquilo que é considerado literatura está vinculado ao que é apreciado por quem tem poder político e social de legitimá-la, o espaço que é destinado a uma obra pela crítica (ABREU, 2006). A escola é uma dessas instâncias.

Durante muito tempo, o acesso à leitura e à educação escolar era designado a um grupo seletivo, privilegiado socialmente. Tanto aqueles que produziam o conteúdo lido, quando os que consumiam, em geral, faziam parte de uma elite. Visto que a escola era um ambiente elitizado, nada mais óbvio do que procurar transmitir aquilo com que se identificavam aqueles que a frequentavam. Daí também o status que envolve o contato com o cânone e o desprestígio que a literatura de massa possui.

Assim, as leituras do mundo feitas por cada indivíduo levam a manifestações literárias diferentes e não existe alguma que seja errada. Reconhecer o lugar social dessa discussão não é negar a validade ou seriedade daquilo que comumente se diz ser literatura, mas assumir que essas concepções são relativas e não se pode colocar algo como superior (LAJOLO, 1990).

Nesse sentido, um dos maiores problemas é o uso de critérios da produção literária erudita para avaliar outros tipos de literatura e determinar o valor que elas possuem. E pior ainda, quando se tomam esses parâmetros como os únicos válidos, como se existisse uma única maneira “correta” de se sentir diante da literatura.

2.2 LITERATURA DE MASSA

A literatura de massa contemporânea é fruto da Indústria Cultural, portanto produzida dentro das regras do mercado. Não possui instâncias que a legitimem, mas quanto mais uma obra vende, mais prestígio alcança perante o público, pois é a popularidade que determina o seu valor. Assim, como afirma Sodré (1978), ela não é inferior à literatura erudita, mas possui um discurso diferente porque possui diferentes regras de produção e consumo.

A Indústria Cultural representa aquilo que é criado com o intuito de atingir as massas em larga escala, sem distinção de classe. Os filósofos alemães da Escola de Frankfurt a viam negativamente como uma forma de alienação, ao transformar as manifestações artísticas e culturais em produtos de consumo. Ainda é comum que se veja a Indústria Cultural, pela sua capacidade de ultrapassar as barreiras de classe, como uma maneira de facilitar o controle das massas (SANTOS, 1986). É nesse sentido que Lyra (1979) vai dizer que a literatura de massa é algo medíocre, corrompido pela Indústria Cultural.

Ao falar da literatura que Lyra considera superior, é possível extrair algumas reflexões do seu discurso, em que, além do forte embate entre classes, percebe-se muitas das características que regem a literatura erudita, usadas para a sua legitimação. O autor deixa muito claro, por meio das expressões que usa, que esta é produzida para atingir pessoas com um nível de instrução maior. A linguagem não pode ser apenas o veículo de comunicação, mas precisa ser “enriquecida” e não deve ser adaptada para atingir um público maior. A obra é produzida para ser reconhecida e imortalizada. E por fim, não deve “apelar” para as emoções a fim de repercutir. Tudo isso seria a “expressão ideal” da obra de arte.

Na literatura de massa, isso ocorre de maneira diferente. Como há uma preocupação de que a obra alcance o grande público, a linguagem de seu texto já é feita de uma forma mais

acessível. “O que importa mesmo são os conteúdos fabulativos (e, portanto, a intriga com sua estrutura clássica de princípio-tensão, clímax, desfecho, catarse), destinados a mobilizar a consciência do leitor, exasperando sua sensibilidade”. (SODRÉ, 1985, p.15). Portanto, a linguagem tem como papel principal ser o veículo de comunicação, não podendo deixar de ser acessível, pois isso limitaria seu alcance. O clímax, a catarse, são extremamente importantes para “fisgar” o leitor, mexer com suas emoções, e isso não é considerado como um recurso “apelativo”. Para isso, é necessário que o escritor saiba os interesses em comum desse público, o que os cativa, caso contrário ele corre o risco de não conseguir atingi-lo.

Essa necessidade faz com que se crie alguns padrões. Como estamos falando de mercado, quando um tipo de história dá certo e atinge as massas, frequentemente se torna um padrão e muitas obras parecidas surgem no mercado editorial. Porém a existência desses padrões não é uma regra e não garantem o sucesso de uma obra, que depende quase que exclusivamente do gosto popular e daquilo que está em alta no momento.

Outro ponto sobre é que a preocupação com o mercado e a existência desses padrões não necessariamente fazem dela superficial e ausente de criticidade, como afirma Lyra (1979), ao dizer que ela comunica o que já é comunicado e, portanto, não comunica nada. “A crítica aparece, entretanto, como um discurso da história, isto é, como algo externo à ficção, que penetra no texto com foros de informação verdadeira” (SODRÉ, 1985, p.16).

Como exemplo disso, temos trilogia Jogos Vorazes, da autora Suzanne Collins, que inclusive ganhou adaptações cinematográficas. Apesar de seguir os padrões da literatura de massa, com cenas de ação, um triângulo amoroso, etc., possui críticas contra o consumismo, a indiferença da elite em relação aos menos afortunados, aos recursos que as autoridades utilizam para distrair as pessoas, mantendo-os nessa ignorância, ou conformadas com a sua situação. O próprio nome do país, “Panem”, vem do termo latino “panem et circenses” que significa “pão e jogos circenses”, fazendo referência à política do Pão e Circo.

Apesar do foco dos livros não ser a crítica, a saudação presente neles como símbolo de resistência, que também aparece nos filmes e por isso muito difundida, foi usada por jovens tailandeses em 2014 para se manifestar contra o golpe militar no país e eram detidos ao fazê-lo (MANIFESTANTES, 2014). Isso nos leva à afirmação de Caldas (2000) que acredita que a literatura de massa é um eficiente instrumento ideológico, como qualquer tipo de literatura, o que reforça o porquê de não dever ser ignorada.

A partir de tudo isso podemos questionar que se o objetivo da literatura de massa não é ser imortalizada, mas ser vendida, por que ela deve ser avaliada como aquela que é? Podemos examinar as suas diferenças, quando isso é possível, mas não fazer um juízo de valor usando os mesmos critérios para ambas.

2.3 LITERATURA NA ESCOLA

Rildo Cosson (2009), a partir da distinção feita por M. K. Halliday, diz que há três tipos de aprendizado da linguagem literária:

[...] a linguagem da leitura, que consiste fundamentalmente em experienciar o mundo por meio da palavra; a aprendizagem sobre literatura, que envolve conhecimentos de história, teoria e crítica; e a aprendizagem por meio da literatura, nesse caso os saberes e as habilidades que a prática de leitura proporcionam aos seus usuários. (p. 46).

O primeiro tipo seria praticamente ignorado nas aulas de literatura tradicionais, quando a experiência com o texto literário deveria ser o centro do ensino. Zilberman (2016, p. 27) vai dizer que “O exercício da leitura é o ponto de partida para a aproximação da literatura”, algo que a escola só teria promovido “condicionado a outras tarefas, a maior parte de ordem pragmática”. Faz-se uso do texto literário sem que a finalidade seja a fruição desse texto, não se leva em consideração o gosto literário do aluno ou se ele possui bagagem para aquele tipo de leitura, insiste-se na ideia de que existe uma maneira “correta” de entender essas leituras. Isso pouco contribui para motivar e colabora para propagar o mito de que o jovem não gosta de ler ou não possui interesse pelas obras clássicas. Froehlich (2016, p. 172) afirma que “trabalhar obras recuadas no tempo é normalmente mais difícil, porque falta aos alunos referentes histórico-ideológicos-estéticos, o que exige uma maior atenção da parte do professor na seleção das obras e métodos. Se esse mito tem se tornado uma verdade, o problema está justamente na forma que elas têm sido apresentadas para esses alunos.

Além disso, instituir os clássicos como única leitura possível e rejeitar aquilo em que o aluno encontra apreciação é tornar o espaço escolar pouco democrático e perder a oportunidade de conduzi-lo para outros tipos de leitura.

O primeiro ponto a ser considerado, é que a literatura de massa, por ser acessível a públicos diversos, torna-se um instrumento em potencial para introduzir o leitor no universo literário. Visto que ela tem a preocupação de usar recursos para cativar o leitor e prendê-lo na narrativa, este tem a oportunidade de experimentar e descobrir o prazer literário, o que talvez não fosse possível em uma obra com uma linguagem mais complexa. Mais do que isso, é possível dizer que a literatura de massa atua como uma democratização do acesso à literatura, antes restrita apenas a uma elite detentora da cultura erudita.

O segundo ponto é que, em geral, não estamos falando de jovens sem nenhum contato literário, mas que já carregam uma trajetória de leituras de literatura de massa e isso deve ser levado em conta no seu processo de desenvolvimento como leitor. Mafra (2001, p. 54) diz que

O docente renovado necessita reconsiderar teoricamente a conceituação de literatura, despindo-se de preconceitos oriundos da tradição. A sua prática nesses termos, deve procurar enxergar o adolescente como um leitor que tem vindo para a escola com sua própria trajetória de leitura alinhavada. E que essa trajetória permanecerá sendo encerrada prematuramente enquanto não passar a fazer parte dos programas de literatura, a partir de um trabalho de mediação crítica e dialógica por parte do professor.

Portanto, as escolhas dos alunos não podem ser desprezadas e afastadas das discussões em sala de aula. Mário Feijó (2010, p.13) defende que, para se criar hábito de leitura, ela precisa vir com essa liberdade, “pois leitura e literatura são direitos, e todo direito se apoia na liberdade de escolha”.

É importante, também, que mais do que uma mera ferramenta a ser utilizada para chamar a atenção dos alunos para os clássicos, ela não deve ser vista como uma leitura menor, porque isso seria reduzir o seu significado. É preciso que a literatura seja apresentada em todas as suas manifestações e não apenas aquela que representa a visão de mundo de uma minoria. Froehlich (2016, p.170) afirma que

Deve-se ter em mente que os parâmetros socioculturais atuam na construção do sentido de uma obra lida, seja ela classificada como literária; seja ela tachada como cultura pop. Assim, a apreciação estética não é universal [...] Portanto, o professor

não deve ver as obras da cultura de massa como inimigas ou deformadoras, como “lixo cultural”; e sim vê-las não dissociadas das formas da cultura popular e da cultura erudita. É preciso mostrar essas diferentes esferas em diálogo, pois é assim que elas efetivamente são constituídas no espaço social.

Ou seja, lidar com as questões de cultura popular e cultura erudita faz parte do papel da escola, porque o aluno terá que lidar com essas diferenças exercendo o seu papel na sociedade. As discussões em torno disso devem permitir reconhecer os mecanismos de produção dos dois tipos de literatura, saber diferenciá-los e analisá-los dentro do seu próprio contexto, sem que para isso seja necessário reforçar o embate entre as duas culturas.

Como um ambiente sociocultural, a escola deve estar aberta à diversidade de visões que falem com os diferentes públicos que são constituídos por ela. Ignorar isso é calar parte das vozes que também falam por meio da literatura, correndo-se o risco de transmitir uma visão limitada de mundo que não corresponde à realidade. Como a criticidade de um aluno pode ser despertada sem que ele tenha contato com ideologias diversas?

No entanto, é também importante alcançar o meio termo. Entre os motivos do apagamento da literatura na escola, Cosson (2014, p.13) mostra duas situações: o professor que defende o valor da literatura canônica, mas que diminui o seu espaço em favor de “obras mais atraentes”, sob o argumento de que ao menos estão lendo, e aquele que “insiste cegamente na leitura dos textos clássicos, tratando a obra literária como conteúdo de aprendizagem [...], não faltando a prova, o resumo e outras formas de forçar a leitura e, assim, introjetar no aluno uma imagem desabonadora da literatura”.

Tanto o uso apenas da literatura de massa “por ser mais fácil”, quanto o utilitarismo da literatura canônica são prejudiciais. Paes (2000, p.28) afirma que a literatura de massa estimula o gosto e o hábito de leitura, e “adquire o sentido de degrau de acesso a um patamar mais alto onde o entretenimento não se esgota em si mas traz consigo um alargamento da percepção e um aprofundamento da compreensão das coisas do mundo”. Nesse sentido, pode-se afirmar que o professor deve atuar como agente, conduzindo o aluno de degrau a degrau por leituras literárias diversificadas, a fim de que não apenas este crie o hábito de leitura, mas desenvolva-se nele.

A formação de um leitor literário não se dá por aquilo que se consolida como suas preferências de leituras, mas por sua capacidade de transitar e apreciar qualquer tipo de literatura que for do seu desejo. Essa é a essência do direito à literatura: ter acesso aos diferentes tipos de textos literários, poder fruir deles e ter a liberdade de escolher.

3. CONCLUSÃO

A existência de diversas correntes que teceram considerações a respeito da literatura, bem como a comparação entre textos de obras legitimadas com não legitimadas, demonstram que os critérios que definem literatura são variáveis e partem da visão de mundo daquele que avalia, dentro do seu contexto sócio-político-cultural. Por isso é inadequado avaliar uma obra como “superior” ou “inferior” usando os mesmos critérios eruditos de avaliação, visto que há uma diversidade delas, com épocas, públicos e propostas diferentes. A literatura de massa não é uma “não literatura” ou uma “literatura inferior”, mas um tipo diferente de literatura, que carrega em si uma ideologia que nasce de um outro contexto de produção, assim como qualquer outra literatura, escrita em qualquer época, por qualquer povo. Ela é desvalorizada por não representar o modo de ler e sentir daqueles que possuem e possuíram o poder de

legitimar aquilo que é literário ou não, o que acaba por revelar-se um preconceito, pois, segundo Terra (2014), parte do pressuposto que não há qualidade naquilo que as massas consomem - ainda que muitos autores legitimados apareçam nas listas dos mais vendidos.

A literatura de massa fala e dá voz a públicos específicos e quando a escola se nega a dar espaço a ela, acaba por calar essas vozes e apresentar apenas a visão elitista do que é literatura. É direito do aluno não apenas o acesso à literatura erudita, mas também à diversidade de manifestações literárias existentes, porque é o contato com ideologias e visões de mundo diversas que os humaniza.

É importante considerar que não é possível apresentar indivíduos críticos e pensantes para a sociedade, capazes de atuar nas mais diversas camadas, se estes tiverem contato com ideias limitadas de mundo. Para cumprir seu papel na formação de leitores, a escola, como um espaço sociocultural, deve abraçar literaturas diversas, que falem com a diversidade de pessoas que a constitui. Os preconceitos também devem ser abandonados para que haja a formação do hábito de leitura, afinal, o direito à literatura envolve a liberdade de escolha (FEIJÓ, 2010). É necessário também, que a leitura seja apresentada em moldes menos rígidos e utilitários, a fim de estimular a fruição do aluno. A fruição literária não pode ser deixada de lado porque sem ela não se formam leitores.

Desse modo, o valor da literatura de massa, perante a teoria literária, vai depender de quem tem poder de legitimá-la, entretanto, sociologicamente, como transmissora de ideologias, valores e visões de mundo, ela se faz tão importante quanto à literatura erudita, e por isso a sua existência e obras devem ser tema de discussão na sala de aula, livre de discriminações. Quanto à formação de leitores, quando bem conduzida pela escola, a literatura de massa torna-se, pelo seu caráter democrático, uma aliada na criação do hábito de leitura e no desenvolvimento deles, tornando-os capazes de se aventurar e fruir de literaturas diversas, além de fazer suas próprias escolhas. Só assim, pode-se dizer que ocorre a verdadeira formação do leitor: quando este finalmente é emancipado literariamente em todos os sentidos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cultura Letrada: Literatura e leitura**. São Paulo: Unesp, 2006. 128 p. (Paradidáticos).

AGUIAR, Vera Teixeira. **Leitura e conhecimento**. Signo, v. 32, n. 53, p. 26-41, 2007. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/246>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

CALDAS, Waldenyr. **Literatura e cultura de massa: uma análise sociológica**. São Paulo: Musa, 2000. 195 p.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro Sobre Azul, 2004.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014. 191p.

CULLER, Jonatan. **Teoria Literária: Uma introdução**. Tradução: Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999. 140 p.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: Uma introdução. Tradução: Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 387 p.

FABRINO, Ana Maria Junqueira. **História da literatura universal**. Curitiba: Intersaberes, 2014. 357 p. (Literatura em foco).

FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da Leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. 296 p. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2017.

FEIJÓ, Mário. **O prazer da leitura**: Como a adaptação dos clássicos ajuda a formar leitores. São Paulo: Ática, 2010. 167 p. (Temas).

FREIRE, Paulo et al. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989. (Polêmicas do nosso tempo).

FROEHLICH, Márcia. **A formação do leitor no ensino médio**: mitos e possibilidades. In: MARTINI, Marcus de; OLIVEIRA, Raquel Trentin; FELLIPE, Renata Farias de (Org.). *Literatura na escola: teoria, prática e (in) disciplina*. Santa Maria: PPGL Editora, 2016. p. 163-184.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990. 98 p. (Primeiros Passos).

LYRA, Pedro. **Literatura e ideologia**: ensaios de sociologia da arte. Petrópolis: Vozes, 1979. 193 p.

MAFRA, Núbio Delanne Ferraz. **A literatura de massa como iniciação à literatura**. Vidya, v. 19, n. 35, p. 41-54, 2001. Disponível em: <<http://periodicos.unifra.br/index.php/VIDYA/article/view/502/492>>. Acesso em: 15 fev. 2017

MANIFESTANTES imitam gestos de ‘Jogos Vorazes’ e são detidos na Tailândia. G1, 20 nov. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/11/manifestantes-imitam-gesto-de-jogos-vorazes-e-sao-detidos-na-tailandia.html>>. Acesso em: 26 ago. 2017.

PAES, José Paulo. **A aventura literária**: ensaios sobre ficção e ficções. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 149 p.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. 89 p. (Coleção Primeiros Passos).

SODRÉ, Muniz. **Teoria da Literatura de Massa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. 130 p. (Biblioteca Tempo Universitário).

TERRA, Ernani. **Leitura do texto literário**. São Paulo: Contexto, 2014. 191 p. (Linguagem & Ensino).

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola**. In: MARTINI, Marcus de; OLIVEIRA, Raquel Trentin; FELLIPE, Renata Farias de (Org.). *Literatura na escola: teoria, prática e (in) disciplina*. Santa Maria: PPGL Editora, 2016. p. 19-33.

LITERARY EMANCIPATION: THE VALUE OF MASS LITERATURE AND ITS ROLE IN THE CREATION OF READERS

ABSTRACT

This research seeks to discuss the value of mass literature and its role in the creation of readers. Literature is intrinsic to mankind and important in his humanization, and, therefore, literary reading is one of human rights. In contrast to what is usually thought to be true about youngsters, not only do they read, but also are the ones who most do so within any age group. However, youngsters express opposition in relation to the canonical literature schools hand out as well as the methods they use, none of which bring reading to its fruition. This wanes the interest of these students as regards mass literature, which in turn is devalued in the academic circles and normally rejected by institutions. It is known, however, that there is no consensus about the definition of literature, because the criteria used for such are subject to historical and anthropological contexts. The people that acknowledge the “Great Literature” are the ones who have power within society for such, which makes it the literature of an elite, despite its unquestionable contribution to society, because the masses do not represent the way such an elite sees and feels. Tiering is inevitable, but each literary work must be analyzed within what it proposes. A school, as a social and cultural place, must be open to different ideologies and world views and upon disqualifying mass literature and assuming as good literature only what is acknowledged by it, hinders part of these views. It is a student right to have access not only to erudite literature, but also to divers existing literary manifestations, because it is the contacting with various ideologies and world views that humanizes them. In the process of creating readers, it is up to schools not to see it as a threat, but to use it as a combined help in such process, leading them to a diverse literary reading.

Keywords: Literature. Mass literature. Creating readers. Education.